

## SIMPÓSIO AT164

# PERGUNTAS DE CRIANÇAS: RELAÇÕES DISCURSIVAS E AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MATA, Adriana Santos da  
Universidade Federal Fluminense  
addamata@hotmail.com

### Resumo

Buscamos compreender processos enunciativos de crianças pequenas, especialmente as perguntas que elaboram no cotidiano de uma instituição pública de Educação Infantil. Com base na teoria bakhtiniana de linguagem, analisamos situações concretas nas quais a produção de enunciados - orais e escritos - favoreceu e oportunizou a explicitação e a ampliação dos saberes das crianças. Encontramos indícios (GINZBURG, 1989) de que as relações discursivas levaram a explicações e fomentaram novas incertezas (GERALDI, 2010), movimentando e ampliando os conhecimentos. As crianças expressam desejos, interesses, curiosidades, por meio de perguntas instigantes que geram reflexões, troca de experiências e ampliação do conhecimento de mundo. O ato de perguntar dá origem ao conhecimento e o professor deve valorizar a *linguagem das perguntas* para descobrir a relação dinâmica e viva entre palavra-ação-reflexão (FREIRE e FAUNDEZ, 1998). As crianças se apropriam do mundo sociocultural com modos peculiares de pensar e com linguagens sociais próprias (BAKHTIN, 2010). Em relação de alteridade com o mundo e com os outros - adultos e crianças -, vão construindo novas referências, outros modos de ser, agir e se expressar, participando intensamente das práticas sociais. Nessa participação - ativa e responsiva (BAKHTIN, 2009) -, as crianças interrogam, estranham, desnaturalizam, confrontam, subvertem, enfim, colocam em xeque 'certezas' e 'verdades' adultocêntricas. Cabe à escola, desde a Educação Infantil, inserir as crianças em experiências sociais e culturais que provoquem novas reorientações internas no seu aprendizado de mundo e de linguagem, gerando novas formas de ser e agir.

**Palavras-chave:** Crianças; Educação Infantil; Perguntas; Ampliação do conhecimento; Relações discursivas.

### Abstract

Buscamos comprender procesos enunciativos de niños pequeños, especialmente las preguntas que elaboran en el cotidiano de una institución pública de Educación Infantil. Con base en la teoría bajtíniana de lenguaje, analizamos situaciones concretas en las cuales la producción de enunciados - orales y escritos - favoreció y oportunizó la explicitación y la ampliación de los saberes de los niños. (GINZBURG, 1989) de que las relaciones discursivas llevaron a explicaciones y fomentaron nuevas incertidumbres (GERALDI, 2010), moviendo y ampliando los conocimientos. Los niños

expresan deseos, intereses, curiosidades, por medio de preguntas instigadoras que generan reflexiones, intercambio de experiencias y ampliación del conocimiento del mundo. El acto de preguntar da origen al conocimiento y el profesor debe valorar el lenguaje de las preguntas para descubrir la relación dinámica y viva entre palabra-acción-reflexión (FREIRE y FAUNDEZ, 1998). Los niños se apropia del mundo sociocultural con modos peculiares de pensar y con lenguajes sociales propios (BAKHTIN, 2010). En relación de alteridad con el mundo y con los demás - adultos y niños -, van construyendo nuevas referencias, otros modos de ser, actuar y expresarse, participando intensamente en las prácticas sociales. En esta participación-activa y responsiva (BAKHTIN, 2009), los niños interrogan, extrañan, desnaturalizan, se enfrentan, subvierten, en fin, ponen en jaque 'certezas' y 'verdades' adultocéntricas. A la escuela, desde la Educación Infantil, inserta a los niños en experiencias sociales y culturales que provoquen nuevas reorientaciones internas en su aprendizaje de mundo y de lenguaje, generando nuevas formas de ser y actuar.

**Keywords:** Niños pequeños; Educación Infantil; Preguntas; Ampliación del conocimiento; Relaciones discursivas.

## Introdução

Neste trabalho, buscamos compreender processos enunciativos de crianças de 3 a 5 anos, especialmente as perguntas que elaboram, com base em suas referências de mundo, no contexto de uma instituição pública federal de Educação Infantil, localizada em Niterói (RJ). Consideramos as perguntas das crianças como propulsoras dos modos de observar, estranhar, refletir, investigar e ampliar os conhecimentos sobre o mundo.

Com base na teoria bakhtiniana de linguagem (BAKHTIN, 2009, 2010) e na pedagogia da pergunta de Freire & Faundez (1998), compartilhamos duas situações cotidianas nas quais as perguntas das crianças geraram a ampliação dos saberes, em um ambiente discursivo onde todos – crianças e adultos -, em colaboração, foram refinando e reelaborando o pensamento, articulando com outras referências, por meio da palavra, num movimento alteritário.

## 1. Referencial teórico-metodológico

As crianças são enraizadas no mundo sociocultural repleto de possibilidades, com incontáveis recursos, tecnologias, que resultaram de um processo longo da produção humana, que é histórica e cultural. Desde bebês, experimentam e participam de muitas situações, lidam com múltiplas

informações, estímulos, sensações, percepções, conhecimentos, sentimentos, valores, linguagens, etc. O mundo se apresenta, como dizem Smolka, Magiolino e Rocha (2016, p. 81), “cada vez mais, transbordante de conhecimentos e instrumentos técnicos e semióticos produzidos pelo homem, os quais modificam as práticas e transformam os modos de agir das pessoas em interação”.

De modo ativo e responsivo (BAKHTIN, 2009), as crianças pequenas reagem a este mundo, se apropriam dele, (re) elaborando, (re) interpretando, sentindo, confrontando com o que sabem, estabelecendo conexões com os elementos que conhecem, e vão ampliando suas possibilidades de ação e de resposta.

Nas relações discursivas, as respostas das crianças são atravessadas por muitas referências do seu cotidiano: dos grupos socioculturais (família, vizinhos, escola, igreja); da organização dos ambientes em que circulam (cidade, escola, casa); dos meios de informação e entretenimento (televisão, celular, computador, livros); dos elementos e fenômenos da natureza; das linguagens sociais.

De acordo com Bakhtin (2010), as linguagens sociais se caracterizam por conteúdos específicos e se realizam em direções bem definidas. Formam-se em grupos determinados (profissionais, gerações, idade, etc.) que se identificam e conformam modos próprios de falar, de interpretar, de representar e de agir no mundo sociocultural e ideológico.

As crianças - como grupo etário e social - têm linguagens sociais próprias, formas de orientação intencional, interpretação e apreciação concreta do mundo, modos próprios de compreender, de expressar seus pensamentos, conhecimentos e sentimentos.

Com linguagens sociais cotidianas, as crianças chegam à escola onde vão aprender e consolidar novas formas de compreender o mundo e a sociedade durante todo o tempo de escolarização. As linguagens sociais escolares afetam, modificam e se hibridizam com as linguagens sociais de origem das crianças.

O que as escolas de Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental têm feito com as enunciações das crianças pequenas?

No modelo tradicional hegemônico de escola, orientado por uma concepção “bancária” da educação (FREIRE, 1988), as crianças não têm voz ou suas falas são usadas como pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais e da chamada ‘norma culta da língua’.

Freire, em conversa com Faundez (FREIRE & FAUNDEZ, 1998), indica-nos uma possibilidade de educação dialógica, na qual o conhecimento prévio ou “saber de experiência feito” ganha destaque nos processos de ensino e aprendizagem. Os autores defendem uma *pedagogia da pergunta*, pois entendem que a origem do conhecimento está na curiosidade, no ato de perguntar:

[...] o que professor deveria ensinar - porque ele próprio deveria sabê-lo - seria, antes de tudo, *ensinar a perguntar*. Porque o início do conhecimento, repito, é *perguntar*. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário: estabelecer as respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar à curiosidade nem a elementos por descobrir. O saber já está feito, este é o ensino. Agora eu diria: “a única maneira de ensinar é aprendendo”, e essa afirmação valeria tanto para o aluno como para o professor (FREIRE & FAUNDEZ, 1998, p. 67).

Partir de perguntas significa uma mudança de paradigma para a educação que, em geral, está centrada nas respostas já encontradas pela herança cultural, no ‘saber já feito’. Assumir uma pedagogia que comece com perguntas é um grande desafio para os professores que devem estar atentos aos interesses, às necessidades, às curiosidades dos estudantes, para não castrar ou desrespeitar suas falas, e sim ter a compreensão de que não há perguntas bobas nem respostas definitivas.

É necessário que educadores e educandos descubram “a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão”, partindo de exemplos concretos das próprias vivências dos alunos, estimulando-os a “fazer perguntas em torno da sua própria prática e as

respostas, então, envolveriam a ação que provocou a pergunta. Agir, falar, conhecer estariam juntos” (FREIRE & FAUNDEZ, 1998, p. 72).

Na próxima seção, fazemos um breve exercício de reflexão sobre as perguntas que crianças pequenas elaboram no cotidiano da Educação Infantil, partindo de suas referências de vida, como propulsoras na ampliação dos saberes infantis.

## **2. Perguntas de crianças e produção de conhecimento na Educação Infantil**

Muitos de nós – educadores, pais e demais adultos que convivem com crianças - já fomos bombardeados com perguntas instigantes, surpreendentes, e, muitas das vezes, não sabemos o que responder!

Na Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF), em Niterói (RJ), que atende crianças de 2 a 5 anos e 11 meses, isso não é diferente! As crianças - muito observadoras e curiosas - fazem muitas perguntas! Perguntas que têm origem nas referências concretas do mundo sociocultural e são permeadas por uma lógica e uma linguagem próprias das crianças.

Compartilhamos duas situações cotidianas nas quais as perguntas das crianças oportunizaram a explicitação e a ampliação dos saberes, em um ambiente discursivo onde todas puderam se ouvir, se conhecer, intercambiar vivências, se sentir sujeitos atuantes. Procuramos reconstituir o contexto enunciativo e, em seguida, fazemos uma análise e interpretação a fim de compreender os sentidos produzidos pelos sujeitos (BAKHTIN, 2009). Encontramos indícios (GINZBURG, 1989) de que, nas relações discursivas, as perguntas conduzem à busca por explicações e fomentam novas incertezas, impulsionando e tornando significativos os processos de desenvolvimento e aprendizagem infantis.

Na primeira situação, uma ‘lagartinha’ que surge no meio da roda de conversas mobiliza crianças e professora gerando um projeto de trabalho sobre animais. A partir da conversa e do registro de conhecimentos iniciais, o grupo

vivencia diferentes atividades, por vários dias, entre elas: pesquisa em diferentes fontes, confecção de mural, experiência científica, visita ao laboratório de ciências. A professora pesquisou o nome daquela 'lagartinha' que deu origem ao trabalho e contou para as crianças. Ao revelar que se tratava de uma espécie de gongolo e que seu nome popular era 'piolho de cobra', as crianças começaram a rir. Pedro, de 6 anos, espantou-se e, imediatamente, perguntou: *Como a cobra se coça se ela não tem mão nem pé?*

Na segunda situação, após decidirem, por meio de votação, pesquisar sobre o corpo humano, as crianças tiveram acesso a enciclopédias, atlas, radiografias, entre outros materiais, e participaram de diversos momentos de exploração, observação e experimentação com o corpo. Em um dos encontros, a professora propôs que as crianças falassem o que gostariam de saber sobre o corpo e registrou as perguntas em uma lista:

A gente quer saber:

1. Como produz a meleca?
2. Como sai a voz?
3. Como sai o coco?
4. Por que o osso quebra?
5. Como sai a tosse?
6. Como sai o espirro?
7. Por que a menina é diferente do menino?
8. Por que o umbigo se forma quando o bebê sai da barriga da mãe?
9. Se a gente comer deitado, a comida vai pro cérebro?
10. Se a gente comer sentado, a comida vai pra barriga?
11. Por que a gente sente muito sono?
12. Por que o xixi é sempre amarelo se a água não tem cor?
13. Como se produz a casca do dodói?
14. Como dá ponto?

As situações do cotidiano educacional nos convocam à reflexão.

Ao indagar *Como a cobra se coça se ela não tem mão nem pé?*, Pedro parte de suas referências, de seus conhecimentos do mundo sociocultural. As palavras *piolho*, *cobra*, *coçar* têm sentido para ele, fazem parte de seu universo axiológico. Ele compreende as palavras com os sentidos que já conhece e aciona essas referências em seu pensamento, de maneira complexa,

deduzindo que existe um problema, pois se a cobra pegar piolho, não terá como se coçar! Logo, a expressão ‘piolho de cobra’, além de soar engraçada, parece não ter sentido lógico para o menino.

No segundo exemplo, destacamos a intencionalidade da proposta: fazer perguntas, sem receio ou censura. As crianças compreendem a atividade, sabem que suas perguntas serão acolhidas e que existem respostas e meios de encontrá-las. Elas assumem postura investigativa, curiosa, de admiração e espanto.

As perguntas são o motor do conhecimento. As relações discursivas que se estabeleceram a partir das perguntas, seja nas conversas, na consulta às diferentes fontes materiais, na experimentação, etc., levaram à sistematização e ampliação do conhecimento de todos – crianças e adultos -, que, juntos, em colaboração, foram refinando e reelaborando o pensamento, articulando com outras referências, por meio da palavra, num movimento alteritário.

As crianças partem da observação direta, empírica, fazem inferências e estabelecem relação com outros conhecimentos para deduzir com lógica, criar hipóteses. Esse processo é fundamental na aprendizagem. Por meio de perguntas problematizadoras, num processo dinâmico, em relação com outras crianças e com a professora, conversando, trocando, estranhando, colocando certezas em xeque, se encantando, é que os conhecimentos vão sendo construídos de maneira significativa.

Geraldi (2010) alerta que o professor sozinho não tem que dar conta de todos os sentidos que constituem a resposta, e sim tem a função de ultrapassar o senso comum, organizando mais perguntas e buscando as respostas disponíveis nas diversas fontes do patrimônio histórico-cultural.

Com mediação da professora, as crianças foram compreendendo e se apropriando de maneiras de buscar o conhecimento, a partir de perguntas propulsoras dos processos de investigação a caminho de respostas.

## Considerações finais

As crianças constroem sentidos possíveis com as referências que já têm, com os valores que já possuem, com as experiências que já incorporaram aos seus universos axiológicos.

A partir das perguntas, experiências e trocas socioculturais, o mundo se revela, se amplia e se enche de sentidos. As perguntas são propulsoras dos processos de conhecer o mundo, vislumbrando novas possibilidades de ser, de falar e de agir.

Cabe à escola, desde a Educação Infantil, inserir as crianças em experiências sociais e culturais que provoquem novas reorientações internas no seu aprendizado de linguagem e de mundo.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. (V.N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem.** Prefácio: Roman Jakobson; tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética (A teoria do romance).** 6. ed. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Jr., Augusto G. Jr., Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: Hucitec, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, 18. ed.

\_\_\_\_\_; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação, v. 15)

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História.** Tradução de Federico Carotti. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 6. Reimpressão, 2014.

SMOLKA, Ana Luiza B.; MAGIOLINO, Lavinia Lopes S.; ROCHA, Maria Sílvia P.M. L. da. Crianças, linguagem oral e linguagem escrita: *modos de apropriação*. In: **Linguagem oral e linguagem escrita na Educação Infantil: práticas e interações.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, 2016, v.3, p. 79-118.